

O “pessimismo histórico” de Perry Anderson*

Gilbert Achcar**

Resumo:

Crítica teórico-política às formulações de Perry Anderson (janeiro,2000), em “Renewals”¹, editorial de apresentação do novo formato de *New Left Review*. O pessimismo que emana do texto de Anderson expressa o atual momento de uma fração intelectual da “nova esquerda” anglo-saxônica, surgida nos anos 60. As análises que o próprio Anderson fez do processo de constituição, no entre-guerras, do “marxismo ocidental” são úteis para o exame da trajetória desta fração cujo principal porta-voz tem sido a própria *New Left Review*.

A prestigiosa *New Left Review*, que parecia ter se tornado em quarenta anos de existência (o primeiro número surgiu em 1960), uma instituição tão ancorada na tradição quanto a monarquia ou o Parlamento Britânico, surpreendeu seus leitores ao mudar a fórmula editorial nesta alvorada do novo século. O primeiro número do ano 2000 inaugura uma nova série e porta, em consequência, o número 1 – após 238 números bimestrais da antiga fórmula. Esta “segunda série” traz uma mudança de estrutura e de capa, após uma notável constância ao longo das quatro últimas décadas.

O novo modelo é mais arejado, com seus caracteres mais legíveis (uma concessão indispensável à progressão da média etária de seus leitores!), com breve apresentação dos autores, dos artigos principais de cada número (até então, era ponto de honra não publicar nenhuma informação sobre os autores do artigos, salvo casos excepcionais) e uma seção sistemática de resumo de trabalhos. Além disso, a revista se compromete a publicar debates regularmente: neste primeiro número do novo formato, Henri Jacot et Robin Blackburn discutem sobre os fundos de pensão como possível alavanca de um “novo coletivismo” via controle popular; e Luisa Passerini e Timothy Bewes, sobre um livro recente da historiadora italiana, consagrado à cultura européia.

Para dar consistência ao todo, Perry Anderson, o infatigável animador da *NLR*, que assumira a direção logo depois que a revista foi criada, abre a

* “Le ‘pessimisme historique’ de Perry Anderson”. *Actuel Marx*, 28, ag/2000. Tradução de Lúcio Flávio de Almeida e Renata Gonçalves.

** Professor de Relações Internacionais da Université de Paris VIII, membro do conselho científico do Institut de Documentation et de Recherche sur la Paix (IDRP) e do comitê de redação da revista *Actuel Marx*.

¹ Recorremos à tradução feita por Leda Paulani (colaboração de Ângela Paulani e Airton Paschoa), publicada, com o título “Renovação”, em *Praga*, 9. O texto de Anderson também foi publicado na coletânea organizada por Emir Sader, *Contracorrente: o melhor da New Left Review em 2000* (SADER, 2001).

nova série com um editorial que, no mínimo, não é banal! Pinta, a partir da evolução política e intelectual de nosso mundo, une desses afrescos (aqui, um breve esboço) cujo *savoir-faire* ele divide com a fina flor da historiografia marxista anglofônica, como Isaac Deutscher e Eric Hobsbawm.

Perry Anderson tornou-se, com o tempo, cada vez mais adepto do “pessimismo da inteligência” preconizado por Gramsci e, no editorial, conduz esta virtude filosófica a extremos surpreendentes. Existe certamente, há muito tempo, na obra de Anderson incontido gosto pelo uso do superlativo, bem conhecido daqueles que têm familiaridade com seus trabalhos – aliás sempre apaixonantes e particularmente enriquecedores. Mas o editorial da nova série vai além de um eventual exagero devido à idiossincrasia particular de um indivíduo. Ao contrário, testemunha uma amargura quanto ao estado do mundo e da esquerda radical própria a todo um segmento desta geração da esquerda intelectual que hoje domina, por antigüidade, o universo do pensamento social crítico. Trata-se da geração que conheceu a expectativa dos “amanhãs que cantam”, a partir dos anos sessenta, mas, depois, a desilusão brutal, devido aos sucessos da contra-ofensiva reacionária dos anos oitenta, culminando na apoteose da última década do século XX, com o desabamento do império stalinista e o surgimento de um mundo unipolar sob a hegemonia americana.

Um segmento desta geração abandonou, desde os anos oitenta, qualquer relação militante. Em parte, decepcionado com o espetáculo pouco envolvente que as organizações da esquerda radical realmente existentes ofereciam (e oferecem); e também devido à lassidão e à renúncia ao esforço para construir um quadro militante mais atraente. Este segmento, permaneceu fiel à sua ancoragem fundamental à esquerda, ao mesmo tempo em que a moderou consideravelmente, e seguiu, ao seu modo, uma evolução comparável, sob vários aspectos, àquela que produziu, a partir do refluxo da Revolução Russa e da ascensão do fascismo, o que Perry Anderson analisou outrora sob o nome de “marxismo ocidental”.

O paralelismo é chocante e, com certeza, consciente, ao ponto em que se constituiu o que poderíamos chamar de “síndrome do marxismo ocidental”, cuja melhor definição foi formulada pelo próprio Anderson, no seu célebre *Considerações sobre o marxismo ocidental*, de 1976. “A marca distintiva oculta do marxismo ocidental no seu conjunto - escrevia Anderson - é portanto, um produto da *derrota*” (Anderson, 1976: 42, grifos do autor). Esta variante do marxismo era caracterizada pela “inserção cada vez mais acadêmica da teoria produzida” (p. 49), evoluindo em direção a “uma disciplina esotérica cujo jargão altamente técnico fornecia uma medida de sua distância em relação à política” (p. 53), “o signo de seu divórcio de qualquer prática popular” (p. 54). Nestas circunstâncias, “a tendência do conjunto desta tradição foi se voltar cada vez mais para a cultura burguesa contemporânea”

(p. 55). Na sua diversidade, as inovações teóricas do “marxismo ocidental” compartilham “um emblema fundamental : um *pessimismo* latente” (p. 88, grifos do autor).

O Perry Anderson de 1976 forneceu, assim, a melhor chave, ao mesmo tempo, para compreender a evolução do conteúdo editorial da *NLR* após os anos 80 e para ler o Perry Anderson de hoje. Que diz este? Ele não se satisfaz ao constatar uma deterioração relativa das relações de força entre o capital e seus adversários em escala mundial. Ele transforma a constatação do fracasso em pedra angular de toda a identidade da esquerda contemporânea: “o único ponto de partida possível para uma esquerda realista nos dias de hoje é o registro lúcido de sua derrota histórica” (Anderson, 2000:16). Anderson se rende ao pessimismo: tudo é pintado nas cores sombrias de uma derrota que parece representar em grandes proporções uma nova “meia-noite no século”².

Pior ainda: a se acreditar em Perry Anderson, no terreno ideológico, próprio aos intelectuais, há séculos não existe similar para a derrota atual. “Pela primeira vez, desde a Reforma [entenda-se, a Reforma Protestante do séc. XVI] , não há mais nenhuma oposição significativa – isto é, pontos de vistas rivais sistemáticos – no mundo das idéias do Ocidente; e parece muito difícil que exista também em escala mundial, se desconsiderarmos as doutrinas religiosas como arcaísmos largamente inoperantes”, afirma Anderson sem hesitar (2000: 18). Apesar de suas limitações práticas, “o neoliberalismo, como um conjunto de princípios, reina soberano por todo o globo: a ideologia mais bem sucedida da história mundial” (2000: 18).

É chocante que Perry Anderson pareça bem mais convencido dos superpoderes do neoliberalismo do que a maior parte dos adeptos deste! O panorama mundial que apresenta é paradoxalmente muito mais tranquilizador para o império americano do que a maioria dos que são atualmente traçados em Washington, tanto nos discursos estratégicos políticos ou militares, oficiais ou oficiosos, como nas reflexões dos membros mais eminentes do *think-tank* da política imperial americana³. Tomando um só exemplo, basta comparar a

² Ernest Mandel, que foi outrora um dos inspiradores de Perry Anderson e uma influência máxima sobre a *NLR*, ficava, com toda a razão, chocado com a melancolia desproporcional de nossa geração. Não parava de repetir: “O que vocês teriam feito se fossem militantes nos anos 30, quando o nazismo convivia com os processos de Moscou?”.

³ É assim que o balanço que Perry Anderson faz da guerra dos Balkans (2000: 13) é muito mais brilhante para a ordem imperialista do que a maioria dos balanços feitos pelo conjunto dos comentaristas ocidentais! Anderson é um dos poucos a acreditar que a Guerra do Kosovo “sugere o quão mais forte tornou-se a nova ordem mundial desde o início dos anos noventa”. Ele sublinha o fato de que a Guerra do Golfo de 1999 se fez sem recorrer a uma mobilização tão importante, mas esquece de dizer que necessitou, em 1999, quase duas vezes mais dias de bombardeios intensivos para terminar, do que em 1991, e que a capitulação iraquiana não se compara aos compromissos obtidos por Belgrado com o apoio de Moscou. Anderson esquece que as forças de Milosevic, inclusive as tropas reunidas em massa em Kosovo, saíram da guerra bem mais intactas

afirmação peremptória de Anderson sobre a quase-ausência de quaisquer perspectivas sistemáticas rivais em escala mundial com a tese bem conhecida – e um tanto fantasmagórica – de Samuel Huntington sobre o “choque das civilizações”.

O redator-chefe da *NLR* esposa, na verdade, uma outra tese bem conhecida, muito menos partilhada no mundo ocidental, a de Francis Fukuyama sobre o “fim da história”, levando-a mais a sério do que a maioria dos comentadores no Ocidente ou alhures. É o que destaca a obra de Gregory Elliott consagrada a Perry Anderson, a qual permite re-situar novamente as últimas reflexões do redator-chefe da *NLR* no contexto de sua evolução intelectual e pessoal, bem como a do conjunto da revista, desde sua criação. Elliott fez um verdadeiro trabalho de beneditino, às vezes um pouco penoso, a fim de retratar o conjunto das reflexões de Perry Anderson num período de quarenta anos.

O interesse deste estudo é que ele apresenta, de algum modo, o retrato intelectual de uma geração, a “nova esquerda”, que se desenvolveu a partir dos anos sessenta e da qual a *NLR* foi o principal porta-voz (um pouco o equivalente do que foi a *Neue Zeit* para o “marxismo ortodoxo”). Elliott descreve a polarização ideológica desta movimentação intelectual entre as correntes maoísta/althusseriana e trotskista/deustscheriana, com a vitória desta última, dentro da *NLR*, nos anos setenta. Destacando as esperanças depositadas na URSS pelo grupo da *NLR*, segundo uma tradição que, sob este aspecto, se deve mais a Isaac Deutscher do que a Leon Trotsky, a análise sutil que faz Elliott permite compreender melhor a *Weltanschauung* catastrofista que se apodera de Perry Anderson face ao desmoronamento do sistema soviético. A obra ganha força e se torna cada vez mais cativante à medida que nos aproximamos do período atual. “Renovação” aparece como a confirmação brilhante dos comentários pertinentes de Elliott sobre as peregrinações intelectuais do objeto de seu estudo.

Que Perry Anderson, pensador de inspiração marxiana, retome por sua conta a tese de Fukuyama, metamorfose do mais ilusório idealismo burguês categoricamente rejeitado pelos próprios adeptos “realistas” do neoliberalismo; que ele ponha a nova série da revista sob o signo deste derrotismo/pessimismo exagerado – visto de esquerda e triunfalismo/otimismo visto de direita, como é o caso para a tese original; eis uma situação que nos leva, com certeza, a uma explicação diferente da tese

que as de Saddam Hussein. Este esquecimento lhe permite afirmar, sem nenhum fundamento, que a guerra de Kosovo chegará, “em curto prazo”, ao desabamento do regime de Belgrado, contrariamente ao regime de Bagdá, mantido após a guerra do Golfo. Anderson realiza também a proeza de deixar subentendido que a atitude de Moscou na guerra de 1999 era mais favorável à empresa americana do que em 1990-91, o que é uma contraverdade flagrante. Ele tem a mesma leitura invertida dos fatos no que diz respeito à atitude chinesa. Chegamos a desejar que Perry Anderson leia a imprensa imperialista a fim de reconstituir seu moral!

impressionista de Fukuyama, nascida nos escombros da queda do muro de Berlim. Entre Anderson e Fukuyama, não há, e não poderia haver, “afinidades eletivas”: é somente o cruzamento momentâneo de duas trajetórias opostas.

Ora, mesmo se restringindo ao “mundo do pensamento ocidental”, concernido prioritariamente pelo diagnóstico de Anderson, é preciso ter uma visão dos afrontamentos sociais e ideológicos singularmente turvada pelo pessimismo para afirmar que “não mais existem oposições significativas” e que o neoliberalismo “reina sem partilha”. O exagero do diagnóstico fica mais evidente quando é reiterado, em seguida, por uma avaliação do pensamento crítico frente ao capitalismo, especialmente entre os estudantes: “o horizonte de referência no qual a geração dos anos 60 cresceu foi virtualmente aniquilado – os marcos do socialismo reformista e revolucionário, identicamente atingidos” (2000: 18).

Talvez seja esta a impressão que emana de certas universidades reservadas às elites sociais. Não é certamente a que emana das universidades populares da Grande Londres ou da região parisiense! Que mais de trinta anos após 1968 e depois do desabamento do império soviético, a geração atual dos estudantes não conserve, na mesma proporção, as mesmas referências (nem as mesmas ilusões) de seus pais atuantes em 68, eis uma evolução que não tem nada de surpreendente. Que exista, em particular, uma desafeição para com os partidos políticos, grandes e pequenos, nada mais natural. Que o movimento estudantil, mais geralmente, seja afetado pela crise da representação política das massas assalariadas, derivada da mutação da social-democracia e da agonia do stalinismo, é a própria evidência. Isso não impede que as correntes do socialismo revolucionário estejam sempre muito presentes nas universidades. E, sobretudo, que se desenvolvem, notoriamente, correntes anarquizantes ou substitutos de partidos políticos, sob a forma de redes e associações, que testemunham uma oposição radical ao neoliberalismo e a suas devastações.⁴

Tomemos o caso da França e lembremos alguns fatos: o movimento de dezembro de 1995; as numerosas greves setoriais que explodem permanentemente (os professores e funcionários das finanças recentemente derrubaram ministros); o desenvolvimento contínuo de novos sindicatos à esquerda do sindicalismo tradicional (SUD, etc.); avanços eleitorais, sem precedentes, da extrema esquerda trotskista; a venda de cerca de um quarto de milhão de exemplares de uma publicação mensal radicalmente oposta ao neoliberalismo, e que não apresenta uma abordagem muito popular (*Le Monde Diplomatique*); cerca de vinte mil adesões a uma associação de luta contra o neoliberalismo (ATTAC); um grande sucesso editorial gritando seu desgosto frente ao neoliberalismo (*O horror econômico*); etc. Quem poderia, deste lado do canal da Mancha, subscrever o diagnóstico de Perry Anderson?

⁴ É o caso, especialmente, das universidades americanas. Ver a reportagem de Featherstone (2000).

A França é tradicionalmente, há mais de dois séculos, a pátria por excelência das “lutas de classes”. Certamente, os países anglo-saxões conheceram uma situação de triunfo bem maior do neoliberalismo. Não é uma coincidência se as duas ordens de fenômenos descritas a seguir são produzidas de maneira concomitante. Por um lado, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha são países dos dois principais promotores do neoliberalismo, Ronald Reagan e Margaret Thatcher, e os teatros da mais dura contra-ofensiva reacionária nos anos oitenta; os dois países onde o retorno ao conservadorismo, com Clinton e Blair, adquiriu a forma de uma “recentragem” cujo “novo centro” ficou mais fortemente ancorado à direita. Por outro lado, são os dois países onde mais se manifestou um fenômeno similar àquele que Perry Anderson descreveu sob o nome de “marxismo ocidental” e cujos traços principais foram lembrados acima.

Eis porque talvez fosse mais apropriado qualificar o fenômeno destas duas últimas décadas de “marxismo anglo-saxão” para distingui-lo do “marxismo ocidental” da época anterior. No entanto, tal fórmula não faria justiça às várias produções marxistas e marxianas anglo-saxônicas estranhas ao paradigma do “marxismo ocidental” ao longo das últimas décadas. O que testemunha a enorme diferença entre a importância da derrota do entre-guerras e a do último quarto de século, no terreno das lutas de classes no Ocidente, do qual depende, em primeira instância, o “mundo do pensamento ocidental”.

As recentes manifestações contra a ordem neoliberal em Seattle e Washington, os movimentos reivindicatórios no mundo do trabalho norteamericano ao longo dos dois últimos anos, a campanha em torno de Ken Livingstone em Londres, são sinais de uma inversão de tendência (as premissas de uma nova onda de radicalização) que mudaria o clima intelectual no mundo anglo-saxão? É legítimo esperá-lo sem, no entanto, acalentar ilusões⁵. Na verdade, o próprio editorial de Perry Anderson é, ao mesmo

⁵ Um dos aspectos salientes do ultrapessimismo de Perry Anderson é a maneira como ergue demais a barreira contra uma nova modificação das relações de forças em detrimento do neoliberalismo, manifestando, de passagem, um determinismo econômico particularmente grosseiro. É assim que, segundo o autor, as relações de forças atuais “permanecerão estáveis enquanto não ocorrerem crises econômicas profundas no Ocidente” (2000: 20). Em seguida, dá um passo a mais na ênfase, completando: “um pouco de um colapso da proporção daquele do entre-guerras parece ser capaz de sacudir os parâmetros do consenso corrente” (2000:20). Além de exagerado, o julgamento expressa uma surpreendente leitura da história por um historiador tão experimentado: seria necessário, ao contrário, desejar que o novo período de crescimento econômico se confirme para permitir que a nova onda de radicalização que parece se esboçar, se reforce. As recessões longas do entre-guerras e do último quarto do século XX desembocaram em graves deteriorações das relações de forças. Inversamente, até um Durkheim compreendeu que as fases de “boom” são propícias à radicalização das exigências sociais. Além disso, é evidente que uma nova expansão – nas condições neoliberais que dominam atualmente a evolução do capitalismo mundial – não poderia reproduzir o “círculo virtuoso” que afagou a classe operária ocidental ao longo dos “trinta gloriosos” do pós-guerra.

tempo, a expressão de um profundo pessimismo e o sinal incontestável de uma nova radicalização: o redator chefe da *NLR* se mostra singularmente combativo, confirmando assim uma nova radicalização da revista, perceptível desde a guerra de Kosovo.

Este último episódio da história do século XX foi o “defining moment” da esquerda intelectual ocidental, a ocasião de retraçar a linha divisória de águas um tanto misturadas desde alguns anos antes. Nesta prova, a *NLR* se situou firmemente à esquerda, fiel a tradição de suas origens. Desejamos à nova série, neste início de século, êxito em acompanhar as novas formas inelutáveis de radicalização anticapitalista tanto quanto a antiga série na segunda metade do século passado.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Perry (1976). *Considerations on Western Marxism*. Londres, Verso.

_____. (2000). “Renewals”. *New Left Review*, 1, nova série.

_____. (2000). “Renovação”. *Praga*, 9,

_____. (2001). “Retomadas”. In: SADER, Emir (org.). *ContraCorrente: o melhor da New Left Review em 2000*. Rio de Janeiro, Record.

FEATHERSTONE, Liza (2000). “The New Student Movement”. *The Nation*. New York, May 15.